

AS RELAÇÕES ENTRE OS DOCENTES E AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NAS ATIVIDADES DE ENSINO E DE PESQUISA

*The Relations Between the Teachers and the Information and
Communication Technologies in Education and Research Activities*

JOSÉ LEON CROCHÍK*

jlchna@usp.br

I

A técnica não se reduz à maquinaria e a instrumentos; ela se refere a procedimentos repetidos e aperfeiçoados com fins delimitados, exibindo assim seu êxito frente a essa finalidade. Um ritual mágico já contém a técnica, assim como a utiliza o mecânico e o médico; ela é saber acumulado e validado, ainda que para determinado período e âmbito delimitado. O conceito de técnica altera seu significado, quando dirigido à arte ou à indústria cultural. Segundo Adorno¹, na arte, visava sua organização, sua lógica; na indústria cultural, permanece externa ao objeto.

O pensamento que se repete por fórmulas também é técnica e há dúvidas se é mesmo pensamento ou seu fruto. A memorização de conteúdos escolares envolve técnicas e a própria memória pode se tornar defesa contra o sofrimento; essa é uma consequência da vida agitada das capitais do século XIX, segundo Benjamin²: é a recordação, própria dos romances, que deve fazer frente à memória, base da narrativa épica. Ainda que a técnica seja saber acumulado, por ela expressado, não remete necessariamente à repetição que independe do objeto, ao contrário, deve se amoldar a ele: na arte, para melhor representá-lo; na ciência, para conhecê-lo com mais precisão.

Na técnica que se torna fim em si mesmo, o saber se torna independente do objeto ao qual se dirige, não há mais especificidade; a repetição é sua base e o seu

* Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo - USP, Brasil.

¹ Theodor W. ADORNO, "A Indústria Cultural", trad. A. Cohn. In: G. Cohn (org.), *Comunicação e Indústria Cultural*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978, págs. 287-295.

² Walter BENJAMIN, *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*, trad. de J. C. M. Barbosa e H. A. Baptista, São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

fim. Esse é o mesmo movimento da compulsão psíquica: o objeto é só pretexto. Na indústria moderna, conforme Marx³, a ciência e a tecnologia contribuíram com o incremento das forças produtivas. A tecnologia se refere à formalização das técnicas, apartando essas das relações peculiares e as destinando a todos objetos que possam ser percebidos como idênticos, isentos de diferenças. É a primazia de um sujeito que não se sabe objeto, ilustrando as duas formas de falsa projeção, descritas por Horkheimer e Adorno⁴: a pretensa autossuficiência do sujeito que só projeta a si próprio, como ocorre no idealismo e na paranoia – e a anulação do sujeito – como ocorre na perspectiva positivista do conhecimento.

Apesar de todas as críticas à despersonalização e ao trabalho massificado, não cabe deixar de reconhecer a importância da tecnologia para a emancipação da humanidade de seu estado de miséria material e, em alguma medida, da miséria espiritual, com a qual não deixa também de contribuir. Por meio da técnica, a arte e o artesanato são possíveis, mediante a tecnologia, a produção em série; no primeiro, o artesão a desenvolve, na última, o proprietário ou seu representante determina seus gestos pelo ritmo da máquina. Certamente existem técnica e arte que podem também ser exercidas por meio de máquinas, mas quando essas são utilizadas e não indutoras do movimento.

II

Para o tema deste texto, é importante mencionar que, atualmente, as atividades de docência, pesquisa e extensão universitária são pensadas em suas distinções e relações; uma não devendo se reduzir às outras. A formação profissional deve conter ensinamento científico para que o aluno entenda como suas técnicas se originaram e possa acompanhar sua evolução ao longo de sua vida; para ocorrer a cada vez melhor aplicação da técnica, o aperfeiçoamento é fundamental: aperfeiçoamento do técnico e da técnica.

Se na década de 1970, pretendia-se separar a formação científica, que deveria ser oferecida pelas universidades públicas de pesquisa e a formação técnica, pelas faculdades, em nosso meio, sobretudo as particulares; hoje, quando essa distinção se faz visível, basta ver as últimas classificações das universidades brasileiras por

³ Karl MARX, *O Capital: Crítica da Economia Política*, Livro I, v. 1, trad. R. Sant'Anna, São Paulo: Difel, 1984.

⁴ Max HORKHEIMER, & Theodor W. ADORNO, *Dialética do esclarecimento*, trad. G. A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

meio do *Ranking Universitario Folha*, que indica as universidades públicas como as de pesquisa e as particulares como menos desenvolvidas do ponto de vista científico, o acento em uma ou outra das funções – tecnologia e científica – restringe ambas. Quando há o predomínio da tecnologia, só o treino, a repetição, são enfatizados; quando a pesquisa é realçada, esquece-se que outros saberes também são importantes para a formação do profissional.

A investigação científica atualmente se estende até o ensino fundamental, trazendo a ideia de formação por meio de pesquisas, que contém a fórmula do ‘aprender a aprender’, que dispensa a retenção de qualquer conhecimento, pois tudo pode a todo momento ser apreendido, inclusive e, sobretudo, por meio dos programas de busca da Internet. Na universidade de pesquisa, como se pretende transformá-la, a formação e a experiência profissional do docente contam pouco nas seleções de ingresso, o que é mais valorizado é a produção científica, geralmente expressada pelo número de artigos produzidos em revistas científicas consideradas como bem qualificadas. A prática profissional capaz de gerar uma tradição de conhecimentos que caracteriza a experiência é pouco valorizada. Essa ênfase na ciência em detrimento da técnica traz como consequência algo similar ao fim do narrador, pois, todos aprendem a perguntar e a técnica da ciência, mas não há mais quem responda as perguntas, o método o substitui, tornando o pesquisador tão isolado, ou selvagem, como aquele que é contemplado pela tecnologia moderna para seu conforto em seu lar, conforme nos descreve Benjamin⁵: não precisa de ninguém, mas ninguém também precisa dele.

A essa discussão são necessários, ao menos, dois acréscimos: a conversão da ciência em tecnologia e a ausência da teoria na formação. Na ciência atual, o método universal substitui a independência do pesquisador na decisão dos meios mais adequados para atingir os objetivos de sua pesquisa; a imparcialidade e a neutralidade positivistas, no entanto, conforme Horkheimer e Adorno⁶, ocultam a paranoia, que é a sua sombra. Certamente, nessa imparcialidade, neutralidade e exterioridade do método em relação aos objetivos e objetos da pesquisa, encontra-se também o empobrecimento da cultura, gerado, entre outros fatores, pela conversão da sabedoria possível pela experiência no conhecimento gerado pelo experimento. Se o indivíduo se constitui pela incorporação da cultura, quanto mais de-

⁵ Walter BENJAMIN, *Charles Baudelaire*, op. cit.

⁶ Max HORKHEIMER, & Theodor W. ADORNO, *Dialética do esclarecimento*, op. cit.

envolvida essa for, mais irá se diferenciar; de outro lado, na cultura convertida em ciência, que, por sua vez, é reduzida ao método, à técnica de pesquisar, não há nada para se incorporar, corroborando a tese dos frankfurtianos da fragilidade da formação do indivíduo contemporâneo. Se a comunicação intersubjetiva deve se guiar pelos procedimentos científicos, assim como a descoberta do que é comunicado, então aquele que não segue a regra científica – quer para a coleta, como para a exposição de dados – atrai a fúria sobre si daquele que, por não poder pensar para além dos dados, se constitui fragilmente.

Na conversão da ciência em tecnologia de procedimentos científicos, a teoria também pode ser dispensada, pois essa tecnologia pode pensar pelo pesquisador. O docente/pesquisador deixa de ser docente e pesquisador, para ser tão inexpressivo quanto as técnicas que emprega; seu grau de exterioridade frente aos objetos pesquisados ou frente àqueles a quem deveria formar não permite compreender os primeiros e transmitir essa compreensão para os alunos. O conhecimento provindo da aplicação do método substitui o intuito de práxis da teoria que, por conter a história de seus objetos, não pode ser testada. Se a teoria necessita do pensamento, do sujeito que reflete, sua negação é também propiciadora à formação de indivíduos frágeis.

O relato da pesquisa sobre a personalidade autoritária ilustra como o pesquisador pode e deve utilizar as técnicas científicas sem que elas o substituam. Na interpretação que os pesquisadores deram das correlações entre os escores das escalas do antissemitismo, etnocentrismo e do fascismo, de um lado, e a escala do conservadorismo político-econômico, de outro, há uma apropriação dessa medida estatística em grau raramente visto atualmente em pesquisas que envolvam correlações entre variáveis, pois não se contentaram em interpretar somente o valor obtido da correlação como significativa, foram além e indicaram a importância das outras correlações existentes, além da principal, o que os permitiu delimitar a existência dos indivíduos que são ‘conservadores autênticos’ e dos que são ‘falsos liberais’; delimitação que até hoje permite pensar que subjacente aos discursos há desejos, por vezes inconfessos, que os contradizem; esse foi um dos resultados mais importantes do estudo; contribuiu para isso também o fato de serem pensadores que não deixam de explorar as múltiplas causas ocultas no conceito de acaso, o que não ocorre com a maior parte dos pesquisadores contemporâneos.

Há outro dado a se considerar quanto à formação incompleta do pesquisador que somente se atém à repetição das mesmas técnicas: o uso de programas de com-

putador para análise de dados científicos, especialmente os pacotes que se prestam a fazer análises estatísticas. Como o programa faz todos os cálculos necessários para o pesquisador, esse pode desconhecer como seus dados coligidos são transformados pelas fórmulas utilizadas, e, assim, como quem não conhece os conceitos de média e desvio padrão pode ter dificuldades de entender o que significa desigualdade de renda econômica, ou o que significa inflação, o pesquisador que não sabe o que o programa faz com seus dados só pode interpretá-los de forma precária, ou necessitará de um estatístico para ajudá-lo. Ora, sem querer menosprezar a assessoria estatística, que é valiosa, tem-se de admitir que mesmo para essa assessoria é importante o pesquisador conhecer essa disciplina para melhor análise de seus dados. Dessa forma, os programas estatísticos aparentemente podem estar sanando uma falha da formação do pesquisador, mas de fato podem estar encobrendo-a sem corrigir uma análise e interpretação precárias dos dados.

III

Com certeza, os microcomputadores e a possibilidade do uso da internet ampliaram a possibilidade de obter informações de fontes bibliográficas, acesso a periódicos científicos e a rapidez dos cálculos dos que trabalham com dados quantitativos; a forma de apresentação de relatórios com tabelas e gráficos, além da própria digitação também são fortes aliados ao incremento da produção científica. Se à época de Adorno foi pertinente nomear os estudos científicos como ‘pesquisa administrada’, que servia a fins específicos dos patrocinadores; hoje, a administração da pesquisa se utiliza dos meios técnicos para separar os pesquisadores produtivos dos não produtivos.

Essa produção é avaliada quantitativamente de forma direta: números de artigos, livros, capítulos de livros etc. e qualitativamente, de forma indireta: a classificação dos periódicos e das editoras nas quais as publicações são feitas. A classificação desses periódicos, no Brasil, não é feita por meio de critérios substantivos, mas meramente formais: distribuição dos autores pelas diversas regiões do país, periodicidade, pontualidade na publicação dos números etc. A ‘qualidade’ do pesquisador é aferida também pelo número de vezes que seus textos são citados, não importando o tipo de apropriação estabelecida dessa citação; um texto que promova teses fascistas pode ser muito citado para a recusa dessas teses e não pelo que contribui para o avanço do conhecimento; esse exemplo, que é mais do que ilustração, revela a

ausência de avaliação substancial dos trabalhos.

Como essa avaliação do docente-pesquisador em nosso meio é fundamental para obtenção e manutenção de empregos e auxílios à pesquisa, a maioria se esforça para publicar o máximo possível sobrecarregando, sobretudo, os periódicos mais bem avaliados que, por sua vez, demoram mais de ano para publicar um artigo após a aceitação; como são vários os artigos a serem publicados, numa medida pretensamente democrática, diminui-se o número de páginas máximo da publicação; se é desejável a existência de artigos sintéticos, sobretudo para as áreas mais técnicas, para as ciências humanas, a análise e interpretação detalhada dos dados é fundamental, no entanto, a limitação do número de páginas faz essa análise e interpretação tornarem-se sumárias. Assim, publica-se muito, mas muito do que é publicado, não o é da forma necessária e os trabalhos das diversas áreas passam a se tornar similares, às custas da visível distinção entre seus objetos.

O paradoxo aqui é que quanto menos tempo deveria levar o pesquisador para preparar formalmente um artigo para que pudesse ter mais tempo para se dedicar a outras leituras e pesquisas para futuras publicações, mais ele deve se voltar a publicar textos de uma pesquisa. Isso altera o próprio modo de fazer a pesquisa e sua divulgação; se antes dessas exigências de produtividade por meio de muitas publicações, poder-se-ia concluir a coleta e a análise de todos os dados para depois torná-los públicos, após o surgimento dessas exigências, a publicação de parte dos dados deve ocorrer ainda com o desenvolvimento da pesquisa, essa deve passar a ter objetivos independentes para que possa ser publicado um artigo referente a cada um deles. Em outros termos, essas exigências afetam a própria estrutura das novas pesquisas.

Certamente, as máquinas incrementam esse tipo de exigência, mas é a técnica de administração de pesquisas que o desenvolve. Como a pesquisa não pode ser norteadada pela racionalidade industrial, dadas suas peculiaridades relacionadas ao inédito e ao pensamento, tal racionalidade se torna irracional; não somente pelo que foi indicado anteriormente, mas também por que aumenta o tempo necessário para a revisão da literatura da área da pesquisa, uma vez que o pesquisador deve separar os artigos que efetivamente merecem ser lidos daqueles que foram publicados pela própria exigência quantitativa e formal de publicação. Se antes cada texto poderia ter sua própria história, revelando-se ser uma obra inconclusa, em processo, e, nesse sentido, eterna, hoje, tornou-se objeto da reprodutibilidade técnica, e cada um torna-se cópia do anterior, sem que tenha havido um original; não deve

ser casual que hoje se persiga, na academia, o autoplágio, quando outrora, retomar as próprias ideias escritas poderia ser algo desejável. Dado o ritmo da produção nada pode ser retomado; em compensação, nada surge de novo.

Não há dúvidas que os pesquisadores, ou a maior parte deles, querem tornar conhecidos os resultados da pesquisa, quando julgam que esses possam contribuir para melhor conhecimento do tema investigado; meios convertem-se em fins, no entanto, dada a administração industrial da pesquisa e dos pesquisadores.

IV

As tecnologias de informação e comunicação, segundo depreendemos dos diversos estudos dos frankfurtianos, têm o caráter de exterioridade em relação aos que servem e são servidos por elas; trazem a analogia descrita por Horkheimer e Adorno⁷, ao iniciar seu texto sobre a indústria cultural, aos apartamentos do edifício que compõem o prédio mas não estabelecem relações entre si: o que une a informação obtida e comunicada é externo ao que é informado e comunicado, assim como é externo àquele que se informa e aquele que transmite a informação. Essa exterioridade abriga a alienação, tal como descrita por Marx⁸ – o desconhecimento das relações de produção e sua mediação na produção de mercadorias – e a estudada pela Psicanálise: a alienação dos próprios desejos, presente por vezes na apatia e na indiferença.

Tempos atrás e em conformidade com Marcuse⁹ e Habermas¹⁰, empreguei a expressão *Ideologia da Racionalidade tecnológica*¹¹ para significar uma (falsa) percepção do mundo mediada pela racionalidade da tecnologia; por ela, o mundo é percebido como um sistema, cujas falhas devem ser consertadas, ou melhor, adaptadas. As questões políticas tornam-se questões de administração: deve-se escolher o melhor administrador e não mais discutir interesses divergentes e, por vezes,

⁷Ibidem.

⁸ Karl MARX, “Manuscritos Econômicos Filosóficos (Terceiro Manuscrito)”, trad. J. C. Bruni. In: K. Marx, *Manuscritos econômicos-filosóficos e outros textos escolhidos*, São Paulo: Editora Abril, 1978, págs. 7-48

⁹ Herbert MARCUSE, *Ideologia da Sociedade Industrial*, trad. G. Rebuá, Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

¹⁰ Jürgen HABERMAS, *Técnica e Ciência enquanto Ideologia*, trad. Z. Loparic e A. M. A. de C. Loparic, In: *Benjamin, Habermas, Horkheimer, Adorno*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, págs.313-343.

¹¹ José L. CROCHÍK, “O desencanto sedutor: a ideologia da racionalidade tecnológica”: *Interação* (UFG. Impresso), Goiás, v. 28, n.1, 2004, págs. 15-35; Id., “Tecnologia e individualismo: um estudo de uma das relações contemporâneas entre ideologia e personalidade”: *Análise Psicológica*, Lisboa-Portugal, v. 4, n. XVIII, 2000, págs. 529-543.

contraditórios; os problemas educacionais são considerados falhas do método educacional da didática utilizada, ‘solucionados’ por meio dos eternos cursos de reciclagem, ou são falhas do aluno, que precisa de remédios para prestar atenção ou corrigir disfunções do cérebro, que, de tão mínimas, os exames de ressonância e as tomografias não captam; não são discutidos os objetivos escolares tendo em vista a sociedade, nem o quanto o que é ensinado não tem referência para o aluno; os problemas psicológicos também são entendidos como de ajustamento: são conflitos intraindividuais sem nenhuma relação com a pressão social para a conformidade; as prostitutas e os homossexuais, nessa perspectiva, precisariam de ajuda psicológica para corrigir seus rumos. Enfim, os conflitos individuais e as contradições sociais passam a ser percebidas como falhas do sistema individual ou da administração do sistema social.

Essa ideologia foi suposta como complementar e comum às outras existentes. Se no estudo sobre a personalidade autoritária, Adorno e seus colegas¹² relacionaram a adesão à ideologia conservadora com traços sadomasoquistas de personalidade, minha hipótese, calcada na análise dos frankfurtianos da sociedade administrada e/ou industrial, foi a de que a ideologia da racionalidade tecnológica se sobrepôs às existentes, não importa se conservadoras ou liberais, no sentido que as definiram, e que a forma de personalidade mais propícia à adesão a ela seria a narcisista, já indicada por Adorno¹³, como sendo a regressão mais exigida dos indivíduos nos dias contemporâneos. Por meio de escalas do mesmo formato da Escala do Fascismo (Escala F), com itens de tipo Likert, foram elaboradas as escalas da Ideologia da racionalidade tecnológica e a de Características narcisistas de personalidade, e, em conjunto com a escala F, foram aplicadas a estudantes universitários de diversas áreas. De fato, quanto maior a adesão à ideologia da racionalidade tecnológica, maior foi o número de traços narcisistas de personalidade encontrados e vice-versa; não obstante, a correlação maior foi a obtida entre a escala F e a escala da ideologia da racionalidade tecnológica, o que me levou a seguinte conclusão: a personalidade sadomasoquista, propícia ao fascismo, é mais importante para se compreender a visão técnica do mundo do que a narcisista. Subjacente à indiferença, à apatia, própria dessa ideologia, haveria desejos de destruição, o que lembrou o tipo ‘manipulador’ descrito por Adorno em seu capítulo ‘Tipos e Síndromes’, do livro *A*

¹² Theodor W. ADORNO, Else FRENKEL-BRUNSWIK; David J. LEVINSON e R. Nevitt SANFORD, *The authoritarian personality*, New York: Harper and Row, 1950.

¹³ Theodor W. ADORNO, “Sobre la relación entre sociología y psicología”. In: *Escritos Sociológicos I (Obra completa)*, trad. A. G. Ruiz, Madrid: Ediciones Akal, S.A, 2004, pags. 39-78.

Personalidade Autoritária, e que é retomado em outros de seus textos posteriores, como *Educação após Auschwitz*¹⁴.

Dessa forma, o caráter de exterioridade, de alienação, assinalado acima, não é isento de afetos, de paixões, que são deslocados das relações pessoais para a relação entre coisas, tornando as pessoas coisas entre outras coisas, isto é, reificadas. O prazer das relações pessoais é transferido para a eficiência de fazer bem as tarefas, satisfazendo também a desejos infantis de onipotência, que como o próprio Adorno não cansou de ressaltar é complementar a seu contrário: a impotência. Por meio da ordenação e asepsia do mundo e perfectibilidade buscada pela técnica pode-se também defender de impulsos destrutivos, e quanto mais esses se fortalecem, mais a ação técnica se torna necessária. Por fim, a manipulação da vontade alheia, destitui os outros de sua autonomia: a autoridade assumida pela ação técnica põe sua racionalidade acima das demais, como em uma ação imperialista. Nessas três possibilidades, os fins das ações não são levadas em consideração como a famosa menção de Adorno àquele que constrói o trem que levará as vítimas para Auschwitz, que está empenhado em fazer um trabalho bem feito, não se importando com o propósito do que está construindo. Enfim, como os frankfurtianos indicaram: os meios tornam-se fins em si mesmos.

V

Deve-se distinguir as tecnologias da informação daquelas propícias à comunicação, uma vez que não são necessariamente idênticas, e quando essa identidade ocorre, o sujeito que adquire a primeira se perde na última. Se não há identidade entre sujeito e objeto, não cabe também presumi-la entre a obtenção de informação e sua comunicação; essa pretensa identidade, no entanto, é a que visa a educação a distância, mesmo quando o professor está presente, pois, se ele se limita a transmitir a informação, sem a ‘mão de oleiro’, citada por Benjamin¹⁵, a narração se perde.

Antes de prosseguir, cabe uma palavra em relação à ausência de indicação do sinal de crase na expressão ‘educação a distância’, como se costumou recentemente fazer. A indicação de crase deve se referir a uma distância delimitada, quando essa não o é, não caberia um artigo definido, pois o substantivo não estaria especifi-

¹⁴ Theodor W. ADORNO, “Educação após Auschwitz”. In: Th. W. Adorno, *Educação e Emancipação*, trad. de W. L. Maar, Petrópolis: Vozes, 1995, págs. 119-138.

¹⁵ Walter BENJAMIN, *Charles Baudelaire*, op. cit.

cado; quando, nessa expressão, há a indicação de crase, intenta-se tornar real o que é virtual e com isso propiciar a confusão entre ambos. Se a indicação da existência da crase permite a delimitação do particular, e se esse é defendido pelos frankfurtianos, numa sociedade administrada, põ-la onde não há, é propícia à lógica da integração, criticada por esses pensadores. Pois bem, educação a distância é aumentar o 'informe' – o que não tem forma precisa, o disforme – e por isso, diminuir a educação, que precisa de precisão, para não ser educação pela metade. A comunicação por meios informáticos pode ter a precisão da transmissão, da repetição, mas não a do conceito que permite pensar o objeto, sobre o qual se informa em seu movimento histórico em nossa sociedade contraditória.

O 'conceito de esclarecimento', exposto por Horkheimer e Adorno, não pode ser meramente informado; claro, ele poderia ser transmitido por teleconferência, e poderia haver perguntas, mesmo a distância, mas as expressões do conferencista seriam suprimidas pela transmissão, ocultando a distinção havida entre o retrato pintado e a fotografia; a essa última falta aura, falta alma, e o conferencista e o conceito se perdem sem a retribuição do olhar.

Se o olhar que cobra e o olhar indiferente são propícios aos fascistas, o que compreende, recepciona, perde o aconchego, ao estar distante, mesmo a distância desejada por Baudelaire e assinalada por Benjamin, pois, para essa distância, o objeto já foi presente, o que não acontece necessariamente com o conferencista que pode ser desconhecido. Se, em conformidade com Benjamin, para Goethe a distância precisa ser superada, se em Baudelaire, o que passou pode suscitar o desejo a distância, na atualidade, deve-se amar o que jamais será conhecido pela proximidade.

Poder-se-ia recorrer às noções de experiência ou de formação para a contraposição a essa forma de educação – se se trata mesmo de educação –, mas os dizeres de Freud¹⁶ sobre a idealização me parecem, no momento, mais apropriados. Freud indica a relação entre o exercício da sexualidade e o conhecimento: se o primeiro não é bem sucedido, o segundo é comprometido. Entende que se para o artista as relações sexuais são estimulantes, para a pesquisa científica pode ser substituída pela curiosidade, mas logo ele se corrige: mesmo na área do conhecimento, a ausência da sexualidade leva à mediocridade (ao substantivo 'mediocridade' deve preceder a indicação da crase, pois é bastante específica). Está considerando as consequências da abstinência sexual a que eram incentivados os jovens até a chegada

¹⁶ Sigmund FREUD, *La moral sexual 'cultural' y la nerviosidad moderna*, trad. L. L. Ballesteros y de Torres. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1996, págs. 1249-1261 (Obras Completas de Freud).

do casamento e pondera sobre uma possível substituta – a masturbação; essa, argumenta Freud, não encontra a dificuldade que o objeto real do desejo provoca: a idealização do objeto de fantasia não contém a resistência do objeto real, e essa relação com um objeto imaginado dá um falso modelo da vida, além de uma frequente frustração quando da vida sexual ativa, pois, o objeto real nunca substituirá a contento o da fantasia; cita Karl Kraus: “De este modo há podido proclamar um ingenioso escritor (Karl Kraus), invertendo los términos, que ‘el coito no es sino un sub-rogado insuficiente del onanismo’.” (p. 1259)

O objeto idealizado não permite o contraste entre o ideal e o real; pode ser apresentado com perfeições inexistentes nos homens; assim, não apresenta a experiência necessária para a constituição do eu que se distingue do ‘mundo exterior’; se é assim, a educação a distancia traz uma organização, pessoas, conhecimentos, que não dizem respeito diretamente ao mundo real, mas às dificuldades do imperfeito surgir. Cabe a comparação de Benjamin: a escultura, por duradoura e única, além de ter aura, é imperfeita e deveria transmitir valores eternos; o cinema não tem aura e visa à perfeição pela repetição infinita das tomadas das cenas¹⁷.

Contraditoriamente, nesse sentido, a educação a distância se aproxima do desejo humano de onipotência, de controle, de perfeição. Na comunicação a distância, o encanto do pretensamente desencantado se destaca ao se pretender como expressão exata do real. O preço desse encantamento é a eliminação do sujeito, que se torna receptáculo de sons e imagens que não vêm do passado, da tradição, como se poderia defender, mas de um presente que eternamente se repete.

Da referência a Freud, ainda se pode destacar que o contato com o objeto real pode provocar sofrimento; se é assim, a distância nos defende dele; a tecnologia que permite manter a distância – a alienação dos corpos entre si – pode acarretar a ausência do sofrimento ocasionado pela relação com os outros, mas dessa forma, também a ‘vida que não vive’.

Se é verdade, como defende Adorno¹⁸, que a relação do professor com os alunos envolve o afeto imediato e o plano profissional objetivo que é mediato, tenta-se, na educação a distância, ampliar esse último, negando-se mais uma vez o necessário afeto nas relações individuais, entre elas, as de professores e alunos; como ele ironicamente indica, as máquinas de ensinar talvez resolvessem esse problema. A

¹⁷ Walter BENJAMIN, *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica (segunda versão)*, trad. F. De Ambrosio, Porto Alegre: Zouk, 2012, págs. 49-53.

¹⁸ Th. W. ADORNO, “Tabus acerca do magisterio”. In: Id., *Educação e Emancipação*, op. cit.

frieza da distância, no entanto, obriga a necessidade de falseá-la, daí a necessidade de se dar a aparência do humano por meio de motivadores externos aos conteúdos, ou a de que o que é reificado e distante seja espontâneo e próximo, o que, aparentemente, se permite fazer, entre outros meios, pela autoria da organização da aula, que evidencia a competência do professor em ordenar, simplificar e transmitir ‘claramente’ o conteúdo.

VI

Pode-se dizer que nos nossos dias há uma ‘desatenção atenta’ provocada pela união dos diversos meios de transmissão de informação: ela é dispersa, mas todos os estímulos dão mensagens similares; se há muitos estímulos, ainda que uniformes, gerando o tédio, eles não são incorporados, ocasionando uma sensação de superficialidade, que não é mera sensação. Como os sinais são (re)encontrados nos diversos meios, são fixados na nossa memória; a repetição compensa a dispersão (a redundância que corrige os ruídos), mas não permite o aprofundamento necessário para a compreensão do que é a informação, dificultando a incorporação quer da experiência histórica, quer do mundo que se vive. Essa desatenção não é dispersa e difusa, é atenta a sinais que vêm de longe, desconsiderando o que é dado pelos tradicionais órgãos de sentido, que agem em conjunto.

Os indivíduos, atualmente, podem ter mais dificuldade de ter a atenção concentrada em estímulos próximos, que não tenham a mesma velocidade de movimentação que os do mundo virtual, que exijam tempo para ser compreendidos, mas são muito atentos ao fugidio, o que pode acarretar certo ‘desespero’ e sensação de impotência, pois nada parece poder ser incorporado.

Se a modernidade, como defendeu Baudelaire, devia tornar eterno o efêmero, nos dias atuais, o eterno é representado pela repetição constante dos estímulos que ecoam das condições sociais, e o efêmero, pelas experiências que outrora poderiam ser lembradas, mas das quais hoje, quase não há mais registro.